

William Quan Judge sobre SIMBOLISMO TEOSÓFICO

The Path, maio de 1886, P. 51-55

E Echos of the Orient, Vol. I. p. 11.

Desde que a Sociedade Teosófica foi fundada, em 17 de novembro de 1875, o número 7 tem desempenhado um papel proeminente em todos os seus assuntos e, como de costume, os símbolos que se relacionam ou pertencem particularmente à Sociedade são em número de sete. São eles: primeiro, o selo da Sociedade; segundo, a serpente mordendo sua cauda; terceiro, a cruz gnóstica perto da cabeça da serpente; quarto, os triângulos entrelaçados; quinto, a *cruxansata* no centro; sexto, o distintivo da Sociedade, composto por uma *cruxansata* entrelaçada por uma serpente, formando juntas S.T.; e sétimo, OM, a palavra védica sagrada.

O selo da Sociedade contém todos os símbolos enumerados, com exceção do aum, e é a síntese deles. De fato, ele expressa o que a Sociedade é em si mesma e contém, ou deveria conter, em forma simbólica, as doutrinas às quais muitos de seus membros aderem.

Um símbolo, para ser chamado adequadamente assim, deve estar contido na ideia ou nas ideias que pretende representar. Assim, o símbolo de uma casa nunca poderia ser a proa de um barco ou a asa de um pássaro, mas deve estar contido em algum lugar na forma da própria casa, ou seja, deve ser uma parte real escolhida para representar ou representar o todo. Não precisa ser o todo, mas pode ser uma forma ou espécie inferior usada como representante de uma superior do mesmo tipo. A palavra é derivada das palavras gregas que significam *lançar com*, ou seja, lançar junto. Para ser um símbolo justo e correto, ele deve ser tal que, no momento em que for visto por alguém versado em simbolismo, seu significado e aplicação se tornem facilmente aparentes. Os egípcios adotaram um globo alado para representar a alma retornando à sua fonte, após a provação no Salão das Duas Verdades, pois um globo é um símbolo da Alma Suprema ou de uma parte dela, e as asas foram acrescentadas para representar sua vida e seu voo para as esferas superiores. Em outro ramo de sua simbologia, eles representavam a justiça por meio de uma balança que dá um equilíbrio justo; enquanto que, mesmo no Salão das Duas Verdades, eles voltaram novamente ao outro modo e simbolizaram o homem sendo pesado pela justiça, na forma de seu coração, contra a pena da verdade no prato oposto da balança.

Há um hieróglifo muito curioso dos egípcios que merece ser estudado por aqueles que têm uma mente curiosa. Aqui, apenas o apontaremos, observando que há uma mina de grande valor no método egípcio de representar suas ideias sobre o macrocosmo. Em um dos numerosos papiros atualmente no Museu Britânico, há uma imagem de um globo terrestre sendo sustentado por um besouro por meio de sua cabeça e duas pernas dianteiras, enquanto ele está sobre uma espécie de pedestal que tem certas divisões, parecendo, no todo, uma seção de uma ampulheta cruzada por linhas horizontais que se projetam de cada lado. Esse pedestal representa a estabilidade, mas o que o conjunto significa ou indica? Aqueles que podem seguir as sugestões devem direcionar seus pensamentos para a relação que o Sol tem com a Terra em sua revolução orbital.

Vamos prosseguir com nossa análise: O segundo símbolo é a serpente mordendo sua cauda. Isso é sabedoria e eternidade. É a eternidade, porque não tem começo nem fim e, portanto, o anel é formado pela serpente engolindo a cauda. Há um antigo símbolo hermético semelhante a esse, no

qual o círculo é formado por duas serpentes entrelaçadas, cada uma engolindo a cauda da outra. Sem dúvida, o simbolismo desse símbolo diz respeito à dualidade do Todo manifestado e, portanto, a duas serpentes inextricavelmente entrelaçadas.

Além disso, as escamas dos répteis formam as figuras de facetas ou diamantes, que sombreiam a diversidade ilimitada dos aspectos da sabedoria ou da verdade. Isso não se deve a nenhuma falta de coerência ou congruência na verdade em si, mas apenas às diversas visões que cada indivíduo tem da Verdade única. Essas facetas refletoras são os seres que compõem o macrocosmo: cada um se desenvolve apenas até certo ponto e, portanto, só pode apreciar e refletir a quantidade de sabedoria que lhe coube. Ao passar repetidamente pela forma dos homens, ele lentamente desenvolve outros vários poderes de apreciar mais verdade e, por fim, pode se tornar um com o todo — o homem perfeito, capaz de conhecer e sentir completamente sua união com todos. Isso é quando ele adquiriu o Yoga mais elevado. Assim, em nossa experiência, na história e na etnologia, encontramos indivíduos, nações e raças cuja falta de receptividade a certas ideias e outros cujo poder de compreendê-las só podem ser explicados pelas doutrinas da reencarnação e do carma. Se essas doutrinas não forem aceitas, não há como escapar de uma negação completa.

Não é necessário expressar a dualidade da Alma Suprema por meio de duas serpentes, porque na terceira parte componente do Selo, em outro lugar, isso é simbolizado pelos triângulos entrelaçados. Um deles é branco, com a ponta para cima, e o outro é preto, com o vértice voltado para baixo. Eles estão entrelaçados porque a natureza dual do Supremo, embora em manifestação, não está separada em suas partes. Cada átomo de matéria, assim chamado, também tem seu átomo de espírito. Isso é o que o *Bhagavad-Gita* (1) denomina Purusha e Prakriti, e Krishna diz que ele é ao mesmo tempo Purusha e Prakriti, ele é tanto o melhor quanto o pior do homem. Esses triângulos também significam "o universo manifestado". É um dos símbolos mais antigos e mais belos e pode ser encontrado em todas as nações, não apenas nas que habitam a Terra atualmente, mas também nos monumentos, esculturas e outros vestígios das grandes raças que nos deixaram as estruturas gigantescas, agora silenciosas no que diz respeito à voz do homem, mas que ressoam com a fala para aqueles que se importam em ouvir. Elas parecem estar cheias de ideias transformadas em pedra.

Os triângulos assim combinados formam, no espaço interior, uma figura plana de seis lados. Esse é o mundo manifestado. Seis é o número do mundo, e 666 é o grande mistério que está relacionado ao símbolo. São João fala sobre esse número. Ao redor do centro de seis lados estão os seis triângulos que se projetam para o mundo espiritual e tocam a serpente da sabedoria. Em um livro antigo, isso é feito pela grande cabeça do Senhor erguendo-se acima do horizonte do oceano de matéria, com os braços erguidos de modo a formar a metade superior do triângulo. Essa é a "face longa", ou *macroscopos*, como é chamada. À medida que ele se eleva lenta e majestosamente, a água plácida abaixo o reflete ao contrário, formando assim o triângulo duplo. A parte inferior é escura e proibitiva em seu aspecto, mas, ao mesmo tempo, a parte superior da parte mais escura é clara, pois é formada pela majestosa cabeça desse Adão Kadmon. Dessa forma, eles se misturam um ao outro. E esse é um simbolismo perfeito, pois representa claramente a maneira pela qual o dia se transforma em noite e o mal em bem. Em nós mesmos, encontramos ambos, ou, como diz o cristão São Paulo, o homem natural e o espiritual estão sempre juntos guerreando um contra o outro, de modo que o que gostaríamos de fazer não podemos, e aquilo do que desejamos não ser culpados, a metade mais

escura do homem nos compele a fazer. Mas a tinta e o papel nos falham na tarefa de tentar elucidar esse grande símbolo. Vá a Hermes, a São João, à *Cabala*, aos livros hindus, onde quiser, e lá você encontrará os significados sete vezes sete dos triângulos entrelaçados.

OM é a sílaba védica sagrada: vamos repeti-la com um pensamento direcionado ao seu verdadeiro significado.(2)

Dentro do pequeno círculo, colocado sobre a serpente, há uma cruz com suas extremidades voltadas para trás. Essa é a chamada Cruz Gnóstica. Ela significa evolução, entre outras ideias, pois a volta de suas extremidades é causada pela rotação dos dois diâmetros do círculo. O diâmetro vertical é o espírito se movendo para baixo e dividindo a horizontal. Isso feito, começa a revolução em torno do grande círculo, e esse movimento é representado no símbolo pelas extremidades voltadas para trás. No Capítulo III do *Bhagavad-Gita*, Krishna diz: "Aquele que nesta vida não faz com que este ciclo, que já girou, continue girando, vive sem propósito, uma vida de pecado, satisfazendo seus sentidos". Ou seja, devemos auxiliar a grande roda da evolução e não nos opor a ela; devemos tentar ajudar na grande obra de retornar à fonte de onde viemos e nos esforçar constantemente para converter a natureza inferior em superior, não apenas a nossa, mas também a de nossos semelhantes e de todo o mundo animado.

Essa cruz também é o símbolo do Chakka hindu, ou disco, de Vishnu. No *Mahabharata* é descrito o conflito entre os Asuras e os Devas, pela posse do vaso de Amrita, que havia sido agitado com infinitos problemas, do oceano, e que os Asuras desejavam tomar para si. O conflito começou quando *Rahu*, um Asura, assumindo a forma de um Deva, começou a beber a ambrosia. Nesse caso, a Amrita era a sabedoria espiritual, a existência material, a imortalidade e também o poder mágico. O engano de *Rahu* foi descoberto antes que ele tivesse engolido, e então a batalha começou.

Em meio a essa terrível pressa e confusão da luta, *Nar* e *Narayan* entraram juntos no campo. *Narayan*, ao ver um arco celestial nas mãos de *Nar*, lembrou-se de seu Chakka, o destruidor dos Asuras. A arma fiel, pronta ao chamado da mente, voou do céu e com velocidade direta e refulgente, bela, mas terrível de se ver. E ao chegar, brilhando como a chama do sacrificio e espalhando terror ao redor, *Narayan*, com seu braço direito formado como a tromba de um elefante, lançou o pesado orbe, o mensageiro veloz e a gloriosa ruína das cidades hostis, que, furioso como o fogo destruidor final, disparou com força desoladora, matando milhares de Asuras em seu rápido voo, queimando e envolvendo, como a chama ardente, e cortando tudo o que se opunha a ele. Logo ele sobe aos céus, de onde veio. (*Mahabharata*, Livro I, cap. 15).

Ezequiel, um dos judeus, viu essa roda quando estava entre os cativos perto do rio Chebar, na Caldéia. Em uma visão, ele viu os quatro animais e o homem do Apocalipse, e com eles, "em cada uma das quatro faces", havia uma roda, da cor de um berilo; era "como uma roda dentro de uma roda", e eles iam aonde as criaturas vivas iam, "pois o espírito das criaturas vivas estava nas rodas". Tudo isso lhe pareceu terrível, pois ele diz: "E quando eles se foram, ouvi um barulho como o barulho de grandes águas, como a voz do Todo-Poderoso, um barulho de tumulto como o barulho de um exército".

Há muitos outros significados ocultos nesse símbolo, assim como em todos os outros.

No centro dos triângulos entrelaçados está colocado a *Cruxansata*. Esse símbolo também é extremamente antigo. Nos antigos papiros egípcios, ele é encontrado com frequência. Significa vida. Quando Isis está diante do candidato, ou da alma, em sua entrada, ela segura essa cruz em uma das mãos, enquanto ele ergue a mão para não olhar para o rosto dela. Em outra, há uma figura alada, cujas asas estão presas aos braços, e em cada mão é segurada a mesma cruz. Entre outras coisas, encontramos aqui os diâmetros horizontal e vertical mais uma vez, mas unidos com o círculo colocado no topo. Esse é o mesmo sinal astrológico antigo para Vênus. Mas no selo, seu significado principal e mais importante é o homem regenerado. Aqui no centro, depois de passar pelos diferentes graus e ciclos, tanto o espírito quanto a matéria estão unidos *no homem regenerado* inteligente, que se encontra no meio, conhecendo todas as coisas no universo manifestado. Ele triunfou sobre a morte e segura a cruz da vida.

O último símbolo teosófico é o distintivo da Sociedade, adotado no início de sua história, mas não muito usado. É a cruz que acabamos de considerar, entrelaçada de tal forma com uma serpente, que a combinação forma o monograma S T.

O que foi dito acima não esgota o tema. Todo símbolo deve ter sete significados de valor principal, e de cada um dos que estamos considerando pode ser extraído esse número de significados. O estudo inteligente desses significados será benéfico, pois quando um símbolo consistente, que incorpora muitas ideias, é encontrado e meditado, o pensamento ou a visão do símbolo traz cada ideia imediatamente à mente.

Nilakant [um pseudônimo de WILLIAM QUAN JUDGE]

(1) *Bagavad-Gita*, cap. 13; id. cap. 10.

(2) *The Path*, No. I, p. 24.